Estudo de Medicina Popular

Eduardo Campos

O homem simples do povo, principalmente o sertanejo, que acredita no poder purificador do fogo, na intervenção dos excretos; ou nos dons mágicos da saliva, consciente da contribuição dos ensalmos ou da ingestão de chás, obtidos da infusão de substâncias as mais diversas (vegetais, animais e minerais), para recuperar a saúde abalada, sob apreciação mais superficial, embora o ser primitivo que, a se resguardar das enfermidades — que nem ao menos sabia como identificá-las — apelava para os amplos recursos disponíveis na natureza e, falhando estes, empenhava-se em sensibilizar os poderes amedrontantes de seu mundo, tidos e havidos por sobrenaturais, e interditos ao seu entendimento.

Todos esses procedimentos do ser primitivo contra os elementos hostís ao seu bem-estar o faziam esmorecer acometido de estado doentio, momentos de angústia e desespero, que, atenuados, legaram vestígios de práticas da irrefragável luta pela saúde, repontadas em práticas supersticiosas ou coincidentemente medicinais, que chegaram aos nossos dias.

Nem se diga, a possível desmerecimento do esforço dos primeiros habitantes da terra, ou a prejuízo de suas iniciativas de magia médica, que a terapia assim iniciada não nos consagrou por vezes acertados ensinamentos. Para surpresa nossa, vigem estes atualmente em práticas medicinais e em conhecimentos reveladores não só de considerável aptidão para a arte de curar, mas também de compreensão ao funcionamento do corpo humano.

A esse propósito, valerá a pena referir o que nos conta Howard W. Haggard (1) sobre o tratamento da hidropisia, levado a efeito com beberagem obtida de sapos fervidos, iniciativa modernamente explicada na exatidão de sua terapêutica, não pela maneira rudimentar como era ministrada a poção mágica, mas pela quantidade de substância benéfica dada aos enfermos, a bufonina. A esponja queimada, conforme antiga teoria médica, fazia baixar a inflamação do colo — nada mais nada menos do que o bócio, tratado contemporaneamente com iodo, componente encontrado também nas cinzas da esponja.

Não conhecemos os ensalmos, as receitas de uso médico do homem do Cro-Magnon, mas é do nosso conhecimento como, milênios antes de Cristo, aqueles que adoeciam buscavam a recuperação de sua saúde. Prevaleciam então os exconjuros, as práticas de magia, o uso de substâncias minerais ou a utilização de ervas com supostos poderes medicinais, e uma constante procura de melhor entendimento com os demônios, espíritos e deuses. O destino da criatura humana dependia de toda ordem de auspícios, até daqueles feitos às vísceras de pessoas mortas, com essa finalidade. Imperavam, no exercício da medicina empírica, o uso de excretos, das gorduras de animais (e do homem); do sangue, da urina etc.

Os sonhos, desde os tempos imemoriais, sempre foram importantes. Antes de Cristo, comum a freqüência ao templo de Epidauro, e permanência no *ábaton,* lugar destinado aos que desejavam receber a mensagem dos deuses através dos sonhos.

Os enfermos ali compareciam — expõe o Sr. Sanchez Guisande — (2), aguardando que Esculápio viesse, em sonho, dizer como deveriam proceder. Os doentes eram tratados com especial cuidado. Tomavam vinho e se submetiam a regime próprio. Mas o local estava interditado aos gravemente enfermos, pois, se ali morressem, haveriam de contrariar a Esculápio.

G. Sanchez Guisande acrescenta à terapia escatológica, que citamos anteriormente, a utilização da placenta da mulher para sarar certas afecções de pele; o cérebro de gaivotas, para combater paralisias; o coração do condor, que aplacava os distúrbios gastrointestinais.

---

(1) *El Médico en la história* — Editorial Sudamérica, Buenos Aires.
(2) *História de la medicina,* Editorial Atlântida, Buenos Aires.

E mesmo quando a medicina atingiu grau maior de progresso, valorizada por suas experiências ou decisões científicas, inovações e atualizações sob melhores conhecimentos da anatomia do homem, passando por Hipócrates, Teofrasto, Erasístrato, Empédocles, Asclepíades, Solano de Éfeso — a quem se deve a fundação da ginecologia e da obstetrícia —, Discórides, Galeno, Avicena e tantos outros, muitos daqueles procedimentos empíricos continuaram sendo importantes e usados por quem não dispunha de maiores conhecimentos.

Daí não ser de todo inusitado o se encontrar ainda hoje práticas de tratamento ou medicamento que remontam a esses tempos tão recuados. E dispersos pelo mundo, em diferentes regiões, distantes umas das outras, circunstância que sugere sua transmissão por pessoas em migração, quando a superfície da terra ensejava deslocamentos a pé.

A própria botica repugnante revive em nosso tempo com as mesmas características observadas antes de Cristo. É como se dá com o considerável aproveitamento de substâncias animais, ou destes, para a efetivação de múltiplos tratamentos. Assim ocorre em *Confolantais,* França, onde se usa o pulmão de raposa como específico da asma (3); miolos de coelho, do cérebro deste, para favorecer a dentição; cataplasmas de caracóis vivos, nos casos de falta de ar, ou o aproveitamento de anfíbios anuros, como a rã, que, cortada ao meio, e aplicada sobre rim enfermo, elimina a infecção de que padece.

Os bufonídeos são medicina de utilização universal, tal como sucedia em eras bastante recuadas. Sapo aberto em cruz, pela barriga, é aproveitado em Tucumán, aplicado sobre o colo afetado, para curar as manifestações de bócio.

Na Argentina, o sapo acaba também com "dolor de muelas"; sara feridas produzidas por picadas de animais venenosos. E o recomendam para combater o câncer e a lepra.

Lá, como no interior do Ceará, esse bufonídeo é igualmente empregado para efetivar malefícios. Na boca do animal, logo depois costurada, é enfiado um papelucho em que está escrito o nome da pessoa a ser ofendida.

A seguir dá-se o enterramento do animal, para a deflagração de sua ação maléfica, qual a de ir fazendo definhar, até morrer, a pessoa cujo nome se mencionou.

---

(3) *El mito, la leyenda y el hombre,* Félix Molina — Tellez, Editorial Claridad, Buenos Aires.

No Ceará, repete-se a encenação de bruxaria com mais requintamento. Na boca do sapo não metem apenas o papel ou cartão com o nome da criatura passível do feitiço. Atocham-na com areia de cemitério, da mais escura que houver, e trespassam o corpo do sapo com longos alfinetes.

Na terapêutica comum, em nosso livro *Medicina Popular do Nordeste,* anotamos a utilização medicinal do sapo, passado sobre parte do corpo humano afetado de reumatismo. No procedimento, o animal não estará vivo e a cura se realiza por contato e transferência, saindo a enfermidade, de quem sofre, para fixar-se no corpo do batráquio.

Para combater os "malditos", tumores de mau aspecto, que produziam lesões fétidas, geralmente deflagrados pelo *Bacillus anthracis* não poupando criaturas humanas e animais —, mais conhecidos por carbúnculo, tinha-se terapia assentada em aplicações de meizinha obtida da pele dos sapos, desta forma descrita a *O Sol*, jornal editado em Fortaleza no século passado:

"Apanha-se um sapo dos grandes (sendo em maio é melhor), tire-se a pelle, guarde-se; e aparecendo simptomas de carbúnculos, corte-se de dita pelle quanto cubra o tumor, e ponha-se de molho em vinagre forte até ficar bem flexível, e applicão-se com atilho, de modo que não vá para outra parte. Conserva-se por 24 horas, humedecendo-se com o mesmo vinagre em que esteve a pelle do tumor de molho. Passadas as 24 horas, aplica-se uma rodela do tamanho do tumor, e preparada da mesma forma. Logo que dê mostras de querer o carbúnculo destacar-se da carne, com um ferro ou outro instrumento se ajuda a despegar, e se faz nova applicação. Estando destacada em toda a circunferência, applique-se a herva chamada tasneira, pisada com unto sem sal, e não havendo esta despegado de todo o carbúnculo, cura-se a ferida com unguento próprio."

Jean Rostand, em artigo para o *Marianne* (Paris, 1935), citado por Félix Molina-Téllez, confirma que na antiguidade o pó do sapo, assim como a baba, curavam a hidropisia, acertavam o funcionamento dos rins e aliviavam as dores de garganta. Informa ainda: no Extremo Oriente não existe uma só drogaria em que não esteja à venda o Ch-an-Su, espécie de torta redonda, cujo preparado mantido em segredo, — se sabe — constituído em grande parte de veneno de sapo.

Jean Rostand acrescenta a notícia que os primeiros estudos sobre a composição do veneno desse batráquio foram

levados a efeito por César Phisalix e pelo químico Gabriel Bertrand, do Instituto Pasteur, em 1902, possuindo-se atualmente dados precisos relativos às qualidades curativas da pasta amarela que se elabora das pústulas dorsais do sapo e das glândulas denominadas parótidas, que tem de cada lado da cabeça.

Escreve Félix Molina-Téllez: "Um dos fatos mais importantes destacados na substância de que nos ocupamos é a presença da adrenalina", e da bufatina, "que se diferencia da adrenalina, porém, exibe idênticas propriedades, e dois corpos orgânicos de natureza complexa: a bufaguina e a bufotoxina. (In *op. cit*. pág. 201)

Diante de exposição tão elucidativa, colhe-se a idéia de que, mesmo no receituário popular, de fundo repugnante, são encontráveis, não raro, efeitos curativos positivos. Como sabiam disso os antigos, como o descobriram em substâncias animais, as mais disparatadas condições terapêuticas, não se tem como explicar cabalmente.

E se depara o momento em que o repertório de ensinamentos médicos, a nível de sabedoria popular, robustece-se através de publicações assinadas por médicos graduados, como é o caso do formulário médico do dr. Chernoviz, recomendando o uso de pasta de caracóis *(helix pomatia,* L) para contusões; o xarope destes para aliviar as infecções do aparelho respiratório. O mesmo Chernoviz, no último quartel do século passado, creditava resultados terapêuticos à substância extraída das partes genitais do castor, dando-a por antiespasmódica, aconselhada nas febres adnâmicas e em outros males. (4)

Não é de admirar que, ainda hoje, no Ceará, veja-se utilizados os anfíbios anuros, quer bufonídeos, quer ranídeos, em tratamento de afecções de garganta, para o combate às feridas ditas *brabas,* e contra a erisipela, sobre a qual se deverá aplicar o sapo morto, aberto ao meio.

Nessa ordem de remédios da botica repugnante, ainda vigindo entre nós, temos de lembrar o uso medicinal da banha da cobra cascavel, para desinflamar as glândulas do pescoço; excretos de lagartixa, para alívio das crises de garganta; urina de criança ou de rapazinho (de moça não serve), para acautelar as oftalmias; fezes de pagagaio, para dor de ouvido, assim como urina de bode. O excremento seco de vaca

(4) Eduardo Campos, *Cantador, Musa e Viola,* Editora Americana, Rio, 1973.

é aproveitado no preparo de chá indicado para eliminar resfriados. E para limpeza da cútis, nada como massageá-la com carne de lagartixa: para tirar a nuvem do olho (belide), aplicação da pele da moela da juriti; para hordéolo, excreto de veado. Urina, ingerida em jejum, afrouxa o catarro.

A esse rol, dentre tantos outros, acrescente-se o chá de excremento de cão, chamado "jasmim de cachorro", que alivia o sarampo. E chá de barata, indicam-no para a cólica intestinal.

Os araucanos, dos pampas argentinos, são igualmente aprendidos nessa medicina estapafúrdia: adotam a banha de cobra para os estados reumáticos; o excreto do cachorro, nas turbações de digestão, assim como o sangue de veado (e as raspas do chifre) para curar a epilepsia. E aproveitam a mosca, o fundo dela esmagado contra o olho, na enfermidade deste. (Félix Molina-Téllez, *in op. cit.)*

A notícia de flagelado cearense, vítima da seca (1983), flagrado pelo repórter comendo calangro, foi destaque em jornais do País... e mesmo no Ceará, onde pecularidades do nosso folclore justificam.

Charles Darwin, repetindo o que leu a Humboldt, em seu livor — *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* — escreveu que "na América do Sul intertropical, todos os lagartos que ocupam as regiões secas são considerados como delicadas iguarias."

Em nossa região (Ce.), além de alimento eventual, o calangro é refeição medicinal que lembra a canja de galinha dada a enfermos, principalmente às mulheres no pós-parto, recomendada para quem está sofrendo de dor de garganta. A carne de lagarto é levada ao fogo, com água e farinha, por algum tempo, e servida quente ao paciente, que deve beber igualmente o caldo...

Na proximidade do assunto, valha-nos a oportunidade para mencionar — e relatar — que nem sempre a galinha foi de aceitação pacífica na alimentação de enfermos.

No século passado proibiu-se comer galinha. É o que se depreende de ofício mandado circular no Brasil, por ordem do Marquês de Pombal, como vamos encontrar no jornal *Constituição,* de Fortaleza, do dia 24 de abril de 1874:

"O marquês de Pombal, do Conselho de Estado, inspetor geral do Real Herário, e n'elle lugar tenente de el-Rei meu Senhor, faço saber à Junta de Administração da Real Fazenda da Capitania do Rio de Janeiro que, havendo-se assentado em

conferência médica e cirurgiões, no Hospital Militar desta Corte, na conformidade do que já se achava determinado no Hospital Real desta cidade, a respeito do alimento que se deve ministrar ao enfermo, depois de se ter conhecido por sérias reflexões e multiplicados experimentos, e pela prática de todas as nações civilizadas, que o uso das galinhas para aquele effeito era uma preocupação chimérica, insubsistente e até contradictória dos princípios, em que se fundava, pois que confessando-se que os enfermos e fabricantes deviam sustentar-se com mantimentos tenaes e de digestão fácil, se lhe ministravam na substância de galinha fomento da mesma febre; foi El-Rei, meu Senhor servido ordenar que, em conformidade do que felizmente se está praticando em todo os hospitais reais, e militares, deste Rei, se remetesse a essa junta da Fazenda a cópia inclusa, assignada por Luiz José de Brito, contracto Geral."

Mas, voltando ao receituário repugnante em que o sapo é o centro de suas aplicações, impõe-se-nos registrar que von Martius (5) creditou ao indígena brasileiro também o seu exercício, o uso de "carne de um sapo preto muito asqueiroso *(Pipa cururú Spix, Ranaet T. 22),* torrado num espeto e pulverisado", como instrumento de defesa contra a feitiçaria, e "para aliviar o trabalho do parto".

Em livro nosso, referido anteriormente, transcrevemos inusitada terapia para os que eram acometidos de panarício, tomada a ensinamento publicado no jornal *O Sol.*

O doente, para sarar, devia meter "o dedo na guella de uma rã viva, e deixá-lo estar até que este animal, que tem virtude de puchar (sic) a si o humor, fique inchado. Se inchar promptamente é prova de que o humor é abundante, e então se deve repetir a operação com mais rãs; a atração causa logo entorpecimento sensível no braço e conhece-se promptamente que se vai tirando a causa do mal."

Mário de Andrade (6) ao tecer judiciosas considerações sobre a medicina dos excretos, esclarece: "... os excretos, pelo princípio de contacto, ou de "participação", mantém sempre um "resto de vida", um elemento vital que primordialmente está em relação com a pessoa mesma que o expeliu. Mas se age sobre esta pessoa agindo sobre os excretos dela, *tam-*

(5) *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Indios Brasileiros,* Cia. Editora Nacional, 1937.

(6) *Namoros com a medicina,* Edição da Livraria Globo, 1939.

bém estes podem agir por si mesmos, por guardarem as mesmas qualidades possuídas pela pessoa que os expeliu."

Acrescenta adiante o escritor paulista: "Esta ilação me parece importantíssima, porque dela se vai derivar com clareza (e lógica de primitivo...) o princípio medicinal dos excretos. Estes, mantém um "resto de vida", este elemento vital foi expedido normalmente por um indivíduo são: necessariamente os excretos, como elementos vitais, são princípios de vida; e vindos da saúde normal, são princípios de saúde."

Não poderíamos deixar de repassar aos que nos acompanham as conclusões de Mário de Andrade a respeito da excretoterapia, que, não obstante alongadas, exprimem, em sua maioria, conceitos passíveis de aceitação:

"1º: os excretos têm de fato um ou outro valor prático que justifica o empirismo da medicina excretícia; 2º: por outro lado existe incontestavelmente como fenômeno patológico universal e permanente, uma escatofilia deplorável, uma atração huna pelos excretos, principalmente provada pela coprolalia. Estes dois fenômenos permitem, em grandíssima parte, a permanência e generalização da medicina excretícia, mesmo nas camadas populares das nações civilizadas; 3º: nas bases mais primárias do homem psicológico, nós vemos os excretos concebidos misticamente como portadores dum fluído vitalizador; 4º: mas por serem os excretos naturalmente abjetos ao homem, funde-se a essa noção de força vitalisadora, outra noção mais prática, mais facilmente perceptível, de serem eles um exorcismo capaz de afugentar os malefícios místicos, causadores das doenças; 5º: finalmente, do mesmo sentimento de abjeção que causam os excretos, se fixa a noção de que eles são purgatoriais, sacrifícios que a gente faz para obter o benefício da cura."

Mas é na fitoterapia que a medicina popular alcança o seu melhor desempenho. A geobotânica do mundo onde nos inserimos, o Nordeste, tem extraordinária disponibilidade de recursos para o uso médico das comunidades pobres precariamente servidas pela medicina erudita.

Nesse ecúmeno, mais do que em qualquer outra parte, presumimos, esplende em importância a natureza, o que nos faz lembrados de Paracelso (Felipe Aureolo Teofrasto Bombasto e Hohenheim), que nasceu no século XV, e nos legou o ensinamento de que a "medicina se funda sobre a Natureza; a Natureza é a Medicina, e somente naquela devem buscá-la os homens. A Natureza é a mestra do médico, já que

ela é mais antiga do que ele, e ela existe dentro e fora do homem."

Em linguagem desativada, mais objetiva, é a botica do mato, a farmacopéia de fundo de quintal, que, ministrada por mestres raizeiros ou curandeiros, acode o sertanejo de imediato em seus momentos de luta pelo restabelecimento da saúde, gente desassistida pelo mundo oficial da medicina, e que nos levou a estas palavras escritas em outra obra de nossa autoria, *Folclore do Nordeste:*

"A verdade é que dominando o *hinterland* desta vasta região (o Nordeste) grandes extensões de gleba não possuem médicos, enquanto a medicina popular, anônima, possui feição caracterizadora, palavras suas e um rico receituário que se conhece, sob cujas graças se abrigam os pobres, geralmente gente sofrida e esquecida das providências governamentais."

Sanando as falhas do atendimento médico, tão evidentes, estão os meizinheiros. Estes acabam sendo todos os moradores do sertão, que, a sermos pelo exato, e de acordo com o provérbio: de médico e louco cada qual tem um pouco.

Como ocorreu com o receituário escatológico, em que se acabou compreendendo terem muitos remédios extravagantes substâncias que favoreciam a cura — e exemplos vimos linhas atrás —, as meizinhas tomadas ao reino vegetal vieram demonstrar quanto de exatos são também, muitos deles, em sua aplicação curativa.

Às vezes, a excelência do tratamento em que se utilizavam de preferência raízes, folhas ou sementes de um vegetal, acabava funcionando como injúria irresgatável ao meio ambiente, pelos prejuízos a este inflingido, a ponto de resultar praticamente no desaparecimento da espécie botânica aproveitada.

Assim sucederia com o *jaborandi,* rutácea cujas qualidades químicas, que apresenta, acabariam decretando sua destruição entre nós.

Em pesquisa efetivada sobre o problema, inserta em obra que escrevemos (*Procedimentos do Ecúmeno Rural e Urbano do Ceará Provincial),* (7) anotamos ter o professor Dias da Rocha recomendado o uso do jaborandi como sudorífico enérgico, sialagogo e diurético, dando-o por indicado também

(7) *Procedimentos do Ecúmeno Rural e Urbano do Ceará Provincial,* Eduardo Campos, Secretaria de Cultura e Desporto, Ceará, 1982.

para combater "resfriados, febres, suspensão da transpiração, bronquite, nefrite e diabetes."

No entanto, vale dizer: é o dr. Urias A. da Silveira, em 1889, quem informa com mais precisão aos leigos sobre a presença de importante alcalóide no jaborandi, a *pilocarpina*, indicado para as "inflamações agudas e subagudas dos olhos, os glaucomas, ambliopias, descolamento de retina e da íris."

Conhecido e melhor estimado o uso da pilocarpina, contida no jaborandi, foi esse arbusto de tal modo procurado para negócio que, por pouco, não foi totalmente exterminado no Ceará. Só num semestre de 1894, o Estado do Ceará exportou para o exterior mais de 12 toneladas de folhas da acreditada rutácea medicinal.

Por esses anos, devia o Estado, salvo melhor avaliação, produzir de 20 a 25 toneledas de folhas de jaborandi. Dessa produção, retinha pouca quantidade para uso da terapia popular, 360 quilos no ano mencionado.

Pasmem: em 1885 a produção de folhas de jaborandi, aproveitadas para a exportação, foi da ordem de 19.069 quilos, no valor comercial de Cr$ 3:667$600, rendendo mais do que o caroço de algodão, do qual resultaria faturamento da ordem de Cr$ 3:296$000.

Getúlio César, estudioso nordestino, encaminhando suas atenções para o folclore, principalmente às curiosidades do comportamento do homem do povo na aplicação da medicina caseira, em abertura de livro que escreveu (8) manifestou este pensamento: "O vegetal nos apanha no momento em que nascemos e nos conduz pela vida afora até nos abrigar quando partimos para a nossa última morada. Cura os nossos males com suas raízes, cascas, folhas, frutas e resinas, e nos dá a alegria e nos faz nos aproximar de Deus, quando admiramos a sua beleza selvagem e nobre."

Em seus estudos estão mencionados os indivíduos da flora que mais se credenciaram em virtude da importância representada para o sertanejo, como o Algodão seda, a Angélica, a Aroeira, o Aveloz, Barbamitão, Bucheira, Catingueira, Muçambê, Copaíba, Cumarú, Gameleira, Trapiá, Marizeira, Canafístula, Pereiro, Pitombeira, e outras, revelando que a aroeira tem cardol, substância de efeito vesicante: a gameleira, dolearina, cuja fórmula química é C22-H29-02. Esta, de "mistura com ferro, é vendida como específico do amareião,

(8) *Curiosidades de nossa flora,* — Recife, 1956.

opilão, etc". Menciona os efeitos da jurubeba, acatadíssima nos sertões, para favorecer os estímulos do fígado, possivelmente graças a jurubebina e suas duas resinas, já identificadas cientificamente, ficando a crédito das resinas a ação terapêutica que desenvolve. O cumarú nos consagra a cumarina, a babosa, a enodina, e assim por diante.

Júlio de Peravicini Torres, referindo também a farmacoterapia de plantas em uso no País, quer sob a forma de decocto, xarope, extrato, fluido, vinho, tintura, infusão, água, pílula, pó, pomada, emplastro — assim mesmo mencionado por ele, escreve: "Das várias plantas medicinais de nossa flora, algumas podem servir de sucedâneos àquelas importadas, evitando-se com isto gastos supérfluos de divisas." Adiante: "Entre alguns elementos básicos de plantas brasileiras podem-se citar: atropina, cafeína, canarina, cocaína, curare, curcumina, digitalina, emetina, estricnina, eucaliptol, meimendro, ópio, pilocarpina, quinina e sene." (9)

De igual modo o professor Jorge Bierrenbach de Castro, no limiar de oportuna colaboração para jornal, sob o título: *"Nas plantas medicinais, a receita para muitos"*, matéria inserta n'*O Estado de São Paulo*, de 7 de outubro de 1981, faz o elogio do pau d'arco, a seu ver a "planta medicinal de maior importância nos últimos anos", destacando-lhe as propriedades medicinais decorrentes "dos produtos alcalóides, fistoerinas, glicosídio, flavona, saponina, quinomas — neste caso especialmente nas lâminas (da entrecasca ou cerne) —, lapachol, que é um derivado fenólico, xiloidina, do cerne. Há ainda taninos, substâncias oleosas e pécticas. Esses componentes têm propriedades terapêuticas como analgésico, sedante, antihemorrágico, descongestionante, cicatrizante, cardiotônico, fortificante — porque aumenta a quantidade de glóbulos vermelhos do sangue — diurético, adstringente, hipotensor e antiinfeccioso."

No Ceará, particularmente, há centenas de espécies vegetais, medicinais, para os mais variados achaques. Apocinéas, como a *agoniada*, de efeito purgativo; alecrim de São José, indicado como cataplasma no combate a erisipela; angico, adstringente e hemostático; cebola brava, considerada venenosa por alguns, mas auxiliar no tratamento da asma e infecções dos brônquios; erva-moura e mulungu, calmantes, não se aconselhando o uso imoderado na segunda espécie; canapum, indi-

(9) *O Estado de São Paulo*, edição do dia 29.08.1979.

cado para o tratamento do fígado; marmeleiro preto, de cuja raíz se obtém infusão muito aconselhada para aplacar as palpitações do coração, e mais, fedegoso: para ativar o funcionamento do intestino; catingueira, para combater a disenteria, assim como goiabeira e gravioleira, dos quais se obtém, do olho dos galhos da primeira, chá para desarranjos intestinais, e, da segunda, chá das folhas, para igual fim.

Em contribuição ao conhecimento da farmacopéia baiana, irmã da nossa, escrita por Antônio Moniz de Souza Oliveira, em 1824, sob o título "Descobertas Curiosas" (10), deparamos a listagem de pelo menos duas centenas de vegetais e substâncias animais (e minerais) em uso nos sertões daqueles idos, como o assa-peixe, angélica, barbamitão, cabacinha, cana de macaco, cabeça de frade, cedro, fedegoso, enxerto de passarinho, jurema, junco, ipepacuanha branca etc. etc.) destacáveis as receitas pelos vocábulos empregados, que recordam o linguajar bem cuidado dos manuais populares de medicina editados no século passado, em Portugal.

Veja-se este exemplo de informação da medicina matuta: "Rabugem de cachorro. Herva ou pequeno arbusto, que em qualquer parte, e estação se encontra, mormente, em terra mais fraca, e quando o sol está em seus mais vivos ardores: é nimiamente balsâmica, e tem a folha, e tronco pegajosos. Não há (atrevo-me a dizê-lo) não há no reino vegetal planta alguma mais prestadia, e milagrosa, para feridas, e golpes, e em especial golpes e feridas recentes: pisadas as folhas com o mimoso tope de herva, extraído o suco, e lançando na parte golpeada, aplicando sobre ela depois o bagaço, que resta, ou outro de que se não tenha extraído, o humor consolida, une, e com tal perfeição lhe traz logo a sanidade, que às veves não se sabe, onde foi a ofensa: finalmente, excede a toda expressão. Dá ótimo extrato, de agradável cheiro, que tanto mais requinta quanto mais guardado."

Depois disso, temos de dizer: que beleza de exposição! Que estilo delicado, convincente e simples!

Continuando: a providencial reserva de plantas, para o exercício dessa surpreendente fitoterapia, veio se acumulando no decorrer de anos e séculos, transmitidos os conhecimentos por via oral e muito raramente escritas por curiosos inteligentes, apercebidos dos valores de nossa flora. Em *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco,* de Dom Domingos

(10) Prefeitura da Cidade do Recife, 1981.

Loreto Couto (11), tem-se como os mais civilizados descobriram, em 1742, a "prodigiosa erva chamada do chumbo", o que se deu no sertão do Rio do Peixe. Um índio icozinho, ferido no ventre por dois disparos de clavina, que ficara no campo como morto, aparece depois "são e robusto", a explicar que o salvara aquela erva." Em hum cão se fez logo a experiência, e mostrou ser verdade", conta o historiador. E depois se lhe aplicou em pessoas, com êxito, sendo adotado como remédio infalível que "se toma pela boca em quantidade de uma oitava, ou em pó sutilíssimo, ou posta de infusão". Da "mesma erva se forma emplastro" que se põe sobre a ferida...

Há regras que a experiência acaba por acrescentar o aperfeiçoamento de verdadeiro ritual, presidindo à colheita de vegetais para o preparo de meizinhas. Algumas plantas só podem ser arrancadas à terra pelos dias do verão, principalmente se destas vão ser aproveitadas as raízes. Assim devem ser tratadas partes medicinais do corongo ou pratudo, de papo-de-peru, jarrinha, angélica, baúna do rio, cipó pratudo, do carrapicho (krameria tormentosa) — de que o Ceará chegou a exportar também para o exterior —, acontecendo ao contrário com as flores da catingueira, que devem ser apanhadas nos meses iniciais do inverno, e por igual as do jucazeiro, de abril a maio; — as da quinaquina, de fevereiro até abril.

Outras espécies da flora são colhidas ao extinguir-se o inverno, como a macela, enquanto as resinas — também utilizadas na medicina popular — têm de esperar o começo do verão, quando podem ser obtidas à larga, e nesse caso estão as exsudações dos jabobás, aroeiras, bálsamos, imburanas de cheiro, imburanas de espinho, do camará de flecha, almacegas etc.

Essas informações são do dr. Freire Alemão Sobrinho, inseridas no livro de Thomaz Pompeu de Souza Brasil (Filho), *O Ceará no começo do século XX,* publicado em Fortaleza em 1909.

O botânico Freire Alemão Sobrinho dá excelente contribuição sobre a localização das plantas medicinais no solo cearense, assinalado ser própria de vazante a "vegetação estival" que surge "dos leitos arenosos dos rios e bordas de lagos, que dissecam-se, conservando alguma umidade, e constituem-na as alastradoras *ipomeas,* os *aphanosthepus,* os *vitex,*

(11) in Revista do Inst. Geográfico e Histórico da Bahia", n.° 73, 1946.

glinos, angelônias, euphorbias, rhabdias, stemodis, cryptocálix, heliophytum etc. A planta medicinal mais comum e mais procurada n'estes sítios é a glandulífera melosa-macela, amargo-aromática e muito melhor sucedânea das macelas exóticas do que a *achyrocline flaccida* etc., que é empregada no Rio de Janeiro e nas Alagoas; além desta, da juripeba (ou jurubeba), do fedegoso etc., deve-se fazer menção especial de uma planta característica das vazantes, a jaramataia, o *vilex* de Gardner, que a modo de suas congêneres — a taruman — usa-se como resolutiva."

Esclarece mais que o álcool é muito usado: "Preparando-se as tinturas com as plantas frescas, obtem-se verdadeiros alcoolados, e nesse caso tem-se a obtenção dos "princípios antiescorbúticos da baraúna e da cinofala, os nevrostênicos do mossambê de cheiro" etc. etc. Assinala ainda a prescrição "muito freqüentemente" dos amidos medicinais, féculas impuras, na terapia popular.

Constata o dr. Freire Alemão Sobrinho a prática de banhos medicinais na terapêutica popular, ora como escopo da produção de uma ação interna e geral (palavras textuais do autor), como quando se prescrevem banhos de pipi, de guararrema, do alecrim, vindo em uso também os banhos dos camarás e tinguacibas, estes como estimulantes: "os de angelicó, milome, pereiro, canudo amargoso, como tônicos; os de capeba, sucupira, nabatenô, como adstringentes; os de coiranas e camapús como lenientes etc.; ora visando unicamente a uma ação tópica, como a que se espera da paraíba nas dermatoses, e mesmo na affecção acarífera; do guaratimbó nos mesmos casos, do cipó de mico ou cipó de macaco, como inseticidas todos."

Anotou inclusive o destacado botânico a ação de algumas espécies na toxicologia popular, advertindo-nos de que, no tocante, as observações eram mais raras, "os fatos duvidosos".

"Diversas plantas são empregadas no Ceará — escreve ele — "como parasiticidas: dentre elas devem-se discriminar as que são simplesmente detersivas, como o juá, os pacaris, as *bonânias,* das que são legítimas inseticidas; e entre estas ocupam os primeiros lugares os *stenolobium,* especialmente o *velutino,* as *simarubas,* o pereiro, os quais, empregados ao modo do guaraná-timbó no Rio, contra a afecção pedicular dos animais, e para destruir o parasitismo de acarídeos, dos gêneros *sarcoptes, ixodes* etc., tem ainda propriedades ictio-

tóxicas semelhantes às da *camptosema* fluminense." No caso, tinguis e barbascos.

O cuidado higiênico do corpo remonta, no Brasil, aos silvícolas. Os guaranis se desinfetavam, conforme estudos do dr. Moisés Santiago Bertoni (12), com o suco do genipapo, sendo freqüente o emprego deste na pele como desinfetante de certas enfermidades, assim como o da Quássia, dentre outros, para impedir a picada de mosquitos e outros insetos...

Na ingestão da meizinha, no exercício da terapia popular, no Ceará, prevalecem as indicações mágicas de simpatia. Quando não dão-se procedimentos especiais executados para que o remédio alcance efeito. A raiz do mandacarú de boi, para minorar os efeitos da mordida de cobra, tem de ser colhida do lado em que nascer o sol... Mulher que se monta em tronco de umariseira, estando grávida, perde a "barriga". E água para infusões, sendo serenada (por ter ficado ao relento, à noite), é a mais indicada. Quem tomar purgante de gameleira branca, deverá cumprir resguardo, salvo se o tomar com o corpo dentro dágua...

Desse comportamento nitidamente supersticioso o homem do campo está a um passo das manifestações de seus impulsos místicos. Reponta nele o ser provido de solidões da caatinga, temente a Deus e aos seus poderes, consciente em sua ingenuidade de que, para obter cura, terá de contar com a boa vontade divina.

Escrevemos antes *in Medicina Popular do Nordeste:* "A formação religiosa do sertanejo, incompleta e falha, caldeada pela influência de fanáticos que se contam às dezenas na história sócio-religiosa do Nordeste, sua índole como que ardentemente preparada para se deixar vencer facilmente pelas superstições e crendices, teriam de resultar para ele num comportamento exageradamente místico em face das entidades divinas que cria com estupefaciente facilidade, depositando sua fé em taumaturgos, em pseudo-enviados de Deus, lutando sinceramente pelo Cristo-Rei, que para ele representa a figura do usurpado, encarnando-o como motivo de reação, ao mesmo tempo que segue o fanático mais vulgar, acreditando em suas palavras, atento às profecias, aos avisos do sobrenatural e pondo toda a sua crença em orações as mais absurdas que surgiram e continuam surgindo não se sabe como."

Os malefícios, crê o nordestino, são produzidos pelos maus espíritos, por forças sobrenaturais que precisam ser

(12) "La Higiene Guarani", Paraguai, 1927.

aplacadas quando falham as providências materiais, postas à disposição do homem. Era assim nos tempos antigos, na Babilônia, por exemplo, onde "as enfermidades e os males não se reputavam efeitos de causas puramente naturais, mas sim castigos por qualquer ofensa contra uma divindade, ou obra de certos demônios maléficos. Atribuía-se aos feiticeiros, e especialmente às feiticeiras, poder considerável para atrair esses males sobre os homens. Julgava-se que podiam transtornar a natureza, mudar os destinos do mundo, influir nas decisões dos grandes deuses desencadear um exército de gênios maus contra o homem. O encantamento, as poções mágicas, certas manipulações bizarras, ou, mais simplesmente, o "mau olhado", a sussurração de palavras sinistras, bastavam para operar tais prodígios" como nos vem contar José Huby, dizendo: "A oração é um arranque da alma para os deuses." (13).

Arrima-se a terapia popular no ritual e este, por mais simples que seja, não prescinde de palavras cabalísticas, do ensalmo, da oração católica, deturpada, e dos pelo-sinal-da-cruz, prática de resguardo ao corpo que se vai banhar, ao alimento que se tem para comer, aos chás, enfim, a tudo.

Há orações que só realizam milagres — como dissemos antes — quando proferidas cabalísticamente por curandeiros e rezadores, principalmente pelos últimos. Outras ganham poderes simplesmente num papel e guardadas com fé.

Mas em todas, de modo indeclinável, o primado do interesse em salvar o corpo, e conseguir, quem as profere, o restabelecimento de uma ou mais funções orgânicas.

"As motivações de ordem biológica — analisa frei Antônio Rolim (14), aparecem em alta escala. São absolutamente predominantes. Religiosidade voltada para a procura de bens materiais, para bens elementares básicos da vida. E isso tanto nas mulheres como nos homens."

Do universo dos romeiros que vão a Canindé, participando inclusive do novenário ali oficiado por ocasião da grande festa popular em louvor do santo, 86,1% o fazem para pretender "curas de doenças, operação bem sucedida, salvar-se de desastre ou de algum perigo", conforme exposição estatística organizada por frei Antônio Rolim, sabendo-se, pelos da-

(13) *Histórias das Religiões,* Vol. III, Livraria Acadêmica, Saraiva & Cia., Editores, São Paulo, 1941.

(14) *Levantamento Sócio-Religioso da Arquidiocese de Fortaleza,* SUDEC Fortaleza, 1968.

dos que se seguem, que a felicidade da família é pretendida por 2,4% dos fiéis, enquanto 1,3% deseja reencontrar animais perdidos, ficando 1,7% postulando a salvação de suas criações... e desejando chuva apenas 0,6%. O desejo, enfim, pela salvação eterna — que parece não ser problema tão inquietante para os romeiros — situa-se em percentagem irrisória: 1,5.

Completando esse quadro inesperado de informações: 6,4 por cento não sabem a que vão a Canindé, não tendo o que declarar.

Não é de se admirar, portanto, o posicionamento da grei sertaneja no exercício de religiosidade que "utiliza as práticas religiosas e mesmo sacramentos como remédios para males físicos", conforme comenta frei Antônio Rolim. Daí, dizemos nós, a preferência do nordestino, principalmente do cearense, pelas orações ou chamadas rezas de São Cipriano, mar sagrado, do Soldado, de São Campelo, de São Roque, em que se encontram de permeio as mais curiosas, que são muitas, para aplacar sangue, contra os males físicos, para a cura da erisipela, do mau-olhado, cura de maleita etc. etc.

Contra o mau-olhado, a que teme tanto o sertanejo, por ser estado de ação perniciosa por parte de invejoso, de inimigo, acarretando enfermidade no corpo, ou perda de criação, perecimento de planta estimada, tem-se uma das muitas orações recolhidas no Cariri, e que está divulgada *in Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana,* espécie de breviário matuto:

"Leva o que trouxeste. Deus te benza com a sua santíssima cruz. Deus me defenda dos maus olhos e maus-olhados e de todo o mal que me quiserem fazer, e tu és o ferro e eu sou o aço, tu és o demônio e eu o embaraço."

A esse respeito acrescentamos em publicação anterior: "Convém notar que em oração dessa natureza há infalivelmente um confronto de poderes, ficando a pessoa que sofreu o mau-olhado sempre na posição do "aço" e do "embaraço", contra as forças dos maus espíritos, que são mais fracas diante da invocação divina." (15)

Para os distúrbios da madre, o que se deve entender por manifestações de cólicas uterinas, tem curso pelos sertões a oração que define bem a maneira como o homem do povo, do interior, usa sua religiosidade:

---

(15) Eduardo Campos — "Medicina Popular do Nordeste", Edições *O Cruzeiro.*

"Madre! É tempo de teres o teu lugar. Madre! Alivia esta pobre mulher. São teus estes cinco padre-nossos com cinco ave-marias, em lembrança das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim como o Senhor salvou-se, assim há de querer que Dona Fulana (nome da pessoa enferma) se salve desta dor de madre. Madre, volta ao teu lugar!"

Madre é o útero, termo não apenas popular, mas utilizado também por anatomistas. Simples piatismo, comum às histéricas. Diz-se às vezes que a "madre está desemcaibrada", isto é, fora do lugar. Daí mencionar-se na oração:

"Madre, volta ao teu lugar!"

Inúmeras as orações desse tipo. Ao infinito, palavras cabalísticas, textos de sentido desconexo, encontráveis como mensagens rogativas pela saúde do corpo... e nada pela saúde da alma, pela salvação desta às punições ditadas pelo inferno.

Algumas estranhas, sem nexo, como esta oração para ventre caído de criança:

"Quando Deus andou no mundo
Três pés de árvores plantou:
Ventre e arca caída
Jesús Cristo levantou!"

O céu, o paraíso das boas recompensas, que o nordestino espera, muito especialmente o cearense, não será aquele descrito pelo profeta Mafoma (16) "de rios de água incorruptível, de rios de leite de sabor inalterável, de rios dum vinho agradável, e de rios de mel clarificado", em que os contemplados "uns em frente dos outros, não experimentarão o ardor do sol nem o rigor do frio", e em volta de quem circularão "criados eternamente jovens, com vasos e copos de vinhos", tendo ainda "frutos, tâmaras, uvas, romãs, bananas à discrição, e, como esposas, raparigas de olhos de gazela, puras como pérolas nas conchas, virgens de olhar modesto e de seios palpitantes, de eterna juventude".

Não, o céu esperado não é esse paraíso de sensualidade árabe. É dos que não sofrerão mais de dor de dente, de

(16) José Huby, "Cristus — *História das Religiões,* Livraria Acadêmica, Saraiva & Cia. Editoras, 3.º volume, S. Paulo, 1941.

amarelão, de fraqueza do peito, papeira, de puxado, de rendidura, de sufocação. Uns em frente dos outros, como queria o profeta árabe, mas sem aquela mordomia de *criados eternamente jovens*, mas à descrição, à farta, de verdade, desejada comida de sustância, que lhes faltou na vida, e médicos, e médicos, e médicos...